

A COLUNA PRESTES, PADRE CÍCERO E O CAPITÃO VIRGULINO

Angely Costa Cruz¹

RESUMO: A Coluna Prestes, tem a ver com dois personagens que se tornaram lenda, no cenário cultural nordestino: Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) e Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), É o que este artigo se propõe a entender, a partir de como se deu o inusitado e surpreendente cruzamento, de tão distintas histórias e personalidades. A Coluna Prestes, foi um evento histórico ocorrido entre os anos de 1925 e 1927, do século XX. Ficou conhecida por esse nome, porque o seu principal líder era o militar gaúcho Luís Carlos Prestes (1898-1990). Esse movimento formou-se a partir de duas frentes revolucionárias de militares vinculados ao Tenentismo. Essas frentes atuaram nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, respectivamente, e tinham como grande objetivo derrubar os representantes oligarcas da República Velha, os presidentes Arthur Bernardes (1875-1955), que governou até

¹ é Professora, Coordenadora e Bibliotecária Escolar, foi ainda Bibliotecária Universitária na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Polo Timon MA - Pós-Graduada em Literatura, Estudos Culturais e outras Linguagens pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI), escreve desde 2002, e tem diversos artigos publicados em jornais impressos de Teresina – Piauí. Em 2012, teve o livro: “Será o Benedito e outras Crônicas”, publicado de forma independente.

A crônica “Rei Luiz do Sertão, a identidade nordestina e o São João”, de sua autoria foi publicada em 2017, na Coletânea “Chuva Literária” – “Uma Antologia de Autores Nordestinos”. Em 2010, o artigo: “Censura às HQs. Essa história não está no gibi.” foi publicado numa edição especial da revista Sapiência, informativo científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI), o artigo resultou da pesquisa de Graduação em Biblioteconomia, pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). As HQs, a literatura, a cultura nordestina, bem como o universo da narrativa e a teledramaturgia nacional, são focos constantes do interesse e pesquisa da autora.

Como Bibliotecária Escolar do colégio Gláucia Costa em Timon- MA, coordenou o projeto: “No Teatro com Vinicius”, que culminou com a apresentação de um espetáculo, no Teatro do Boi, na capital do Piauí. Após Oficina de Texto Teatral em Teresina, com Isis Baião em 2017, escreveu a peça: “Dinheiro Na Mão é Vendaval”. O espetáculo estreou no palco do teatro Torquato Neto, Clube dos Diários, na capital piauiense. A mostra reuniu cinco espetáculos, e apresentou novos autores da dramaturgia piauiense. E-mail: lilicavalcanti@globo.com.

1926, e Washington Luís (1869-1957) que foi deposto pela Revolução de 1930. Portanto, como bandido odiado, ou herói idolatrado Lampião escreveu sua história, e parte da história do povo nordestino, com suas mazelas e violência. E isso não se apaga. A trajetória do cangaceiro Lampião e seu bando, compõe o mosaico histórico e cultural do Nordeste, e assim, permanecerá no imaginário popular.

Palavras- chave: Coluna Prestes. Padre Cícero Romão Batista. Virgulino Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

O que será que um movimento da História do Brasil, a Coluna Prestes, tem a ver com dois personagens que se tornaram lenda, no cenário cultural nordestino: Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) e Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), o Lampião? Em que momento suas trajetórias se cruzaram? Por que esses fatos revelam a marginalização social na região Nordeste? É o que este artigo se propõe a entender, a partir de como se deu o inusitado e surpreendente cruzamento, de tão distintas histórias e personalidades.

A Coluna Prestes, foi um evento histórico ocorrido entre os anos de 1925 e 1927, do século XX. Ficou conhecida por esse nome, porque o seu principal líder era o militar gaúcho Luís Carlos Prestes (1898-1990). Esse movimento formou-se a partir de duas frentes revolucionárias de militares vinculados ao Tenentismo. Essas frentes atuaram nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, respectivamente, e tinham como grande objetivo derrubar os representantes oligarcas da República Velha, os presidentes Arthur Bernardes (1875-1955), que governou até 1926, e Washington Luís (1869-1957) que foi deposto pela Revolução de 1930.

Em São Paulo, a Coluna Prestes, se originou da fuga dos tenentes que participaram da Revolução de 1924, na capital paulista. Como não resistiram à ofensiva do governo federal, os revoltosos fugiram rumo ao Rio Grande do Sul, onde o foco revolucionário também teve destaque, sobretudo pela atuação do capitão Luís Carlos Prestes. Ele e seus companheiros marcharam em direção ao Paraná, onde se

encontraram com os paulistas em abril de 1925. Foi desse encontro, que nasceu a Coluna Miguel Costa (1885-1959) - Luís Carlos Prestes, que levou os nomes dos representantes paulista e gaúcho, respectivamente. Segundo o historiador Boris Fausto: “[...] A coluna realizou uma incrível marcha pelo interior do país, percorrendo cerca de vinte e quatro mil quilômetros até fevereiro/março de 1927, quando seus remanescentes deram o movimento por terminado e se internaram na Bolívia e Paraguai. [...]”.

Assim, ao percorrer vinte e quatro mil quilômetros, Brasil adentro, os revoltosos da Coluna Prestes, pretendiam disseminar uma perspectiva de insurreição no país. Desse modo, fugindo da perseguição legalista, e convocando a população a fazer parte do movimento, estiveram presentes em diversos estados e cidades brasileiras. Na passagem pelo Maranhão em 1925, a Coluna Prestes passou por Timon (quando ainda tinha a denominação de Flores, e fora elevada à categoria de cidade no ano anterior), e seguiu para Carolina, passando também pelo Piauí, em Floriano e Teresina, quando houve um cerco legalista, e a prisão de um dos líderes dos revoltosos, fatos registrados no livro “A Coluna Prestes”, de Luiz Maria Veiga.

Por causa desse movimento revolucionário, o país vivia em polvorosa, e o governo central não combatia com eficiência este, nem diversos outros conflitos regionais que ocorriam na época, pois muitas vezes tropas do Exército Brasileiro foram vencidas por revoltosos, em diferentes locais do país. É nesta altura, que Lampião, o famoso bandoleiro, ou o Rei do Cangaço, entra na história (e para a História). O Governo Federal encarregou o Deputado Floro Bartolomeu (1876-1926), político influente da região Nordeste na época, de combater os revoltosos com todo o apoio logístico; armas, dinheiro, homens e uniformes. O deputado, certo de que o governo não sabia mais o que fazer, e estava mais perdido do que cego em tiroteio, para combater Prestes e os rebeldes, decidiu pedir a ajuda, sabe de quem? (como diz um famoso locutor esportivo). De Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (o

próprio), que naquele momento, já era o cangaceiro mais odiado, e ao mesmo tempo o mais idolatrado, em todo o Nordeste.

E foi o que ocorreu, o nobre deputado não pensou duas vezes, baixou as armas contra o cangaceiro, e deu uma trégua ao inimigo solicitando sua ajuda para combater os rebeldes, porque sabia ele que, Lampião e seu bando conheciam como ninguém a geografia nordestina, palmo a palmo do sertão. Por isso, o deputado resolveu se aliar a Lampião, e se render ao poder de estratégia do cangaço. E como esse convite chegou até ele? Bem, é justo nesse ponto, que entra o terceiro personagem dessa história. Segundo Luiz Maria Veiga, em “A Coluna Prestes”, e Anildomá Willans de Souza, em “Lampião – O Comandante das Caatingas”, o deputado pediu o apoio do maior líder espiritual dos sertanejos: Padre Cícero de Juazeiro, o Padre Cícero Romão Batista, ou o popular Padim Padi Ciço, que mandou um mensageiro atrás do bando de Virgulino.

A mensagem pedia que se apresentasse e ouvisse uma proposta, mas quando esta chegou até Lampião, o deputado já havia morrido. Contudo, o cangaceiro foi ao encontro de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte (CE), na residência paroquial, onde ouviu e aceitou o convite do padre. Um Inspetor Agrícola (única autoridade federal da região), foi chamado para assinar a nomeação de Virgulino, em 12 de abril de 1926, como “Capitão” da reserva do Exército Nacional. Veja então quanta ironia caro leitor, o bandoleiro mais perseguido pelos volantes (polícia) no sertão, recebeu a patente de Capitão do Exército Brasileiro, com as bênçãos de Padre Cícero Romão Batista.

Mas, os planos de Lampião (então nomeado capitão), eram outros e certamente não incluíam perseguir revoltosos, e entregar de bandeja suas cabeças ao governo. Uma vez nomeado, o Capitão Virgulino seguiu seu rumo com o bando, mas dessa vez com novas e modernas armas, munição, crédito, dinheiro, prestígio, e tudo graças ao governo, ou seja, o Capitão (como passou a ser conhecido), recebeu as armas, a patente e deu no pé, e nunca se soube que perseguiu a Coluna Prestes, o que

deixou seus inimigos desmoralizados. Uma história daquelas! digna de ser contada em folhetos da Literatura de Cordel. E o título, bem que poderia ser:” A Façanha de Lampião ao receber a patente de Capitão”, afinal o cangaceiro mais procurado da época, se tornou oficialmente Capitão do Exército, e mandou o governo às favas.

Assim, a Coluna Prestes, Padre Cícero e Lampião se cruzaram num tempo em que a lei e a justiça, eram feitas olho por olho, dente por dente, numa sociedade totalmente desprovida da presença do Estado, no território nordestino. Nesse cenário, rebeliões, revoltas, movimentos revolucionários, ou bandos de cangaceiros eram frequentes e desafiavam o governo federal, num país continental como o Brasil. Então, para o bem, ou para o mal, a existência de rebeldes ou a formação de bandos de cangaceiros, como o de Lampião, revelavam a fragilidade de uma região, marcada por desigualdades sociais e marginalização econômica, onde a população mais vulnerável, foi empurrada a pobreza e a miséria, o que garantiu a formação de um terreno fértil, para o surgimento de profetas e heróis, ou de um herói bandido, como Lampião.

Portanto, como bandido odiado, ou herói idolatrado Lampião escreveu sua história, e parte da história do povo nordestino, com suas mazelas e violência. E isso não se apaga. A trajetória do cangaceiro Lampião e seu bando, compõe o mosaico histórico e cultural do Nordeste, e assim, permanecerá no imaginário popular.

REFERÊNCIA

FERNANDES, Cláudio. **Coluna Prestes.** Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/coluna-prestes.htm> - Acesso em: 12 ab.2021, às 10:35 hs.

SOUZA, Anildomá Willians de. **Lampião: o comandante das caatingas.** Ed. Do autor: Serra Talhada (PE). 3 Ed. 2001, 157 p.

VEIGA, Luiz Maria. **A Coluna Prestes.** Série História em Aberto. Scipione: São Paulo. 2 ed. 1997. 80 p.

VIANA, Klévisson. HQ **Lampião**: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida – uma história em quadrinhos de Klévisson. Ed. Hedra: São Paulo. 1999. 56 p.